

Uma misoginia estrutural que criminaliza o protesto e adoça a agressão

Ao ser votado no ano passado pelo público do Festival como Espectáculo de Honra, *Rebota, rebota y en tu cara explota* acrescentou mais uma distinção à sua lista de prémios: Prémio da Crítica 2017, Prémio "Aplauso" e Prémio Butaca. Denunciando crua e despidoradamente o flagelo da violência doméstica contra as mulheres, esta peça demonstra até que ponto esse fenómeno se encontra enraizado entre nós.

Não há lugar a censura prévia: chamar as coisas pelos nomes é ir directo ao assunto, e a diplomacia nem sempre é um bom veículo. Nesta criação de Agnès Mateus e Quim Tarrida há uma necessidade de envolver o espectador, retirando-o de uma certa zona de conforto, que muitas vezes se traduz na indiferença do dia-a-dia. Não por que haja falta de conhecimento, mas sim um encolher de ombros.

Procura-se, neste espectáculo,

sacudir o público. Os criadores não pretendem que quem está a assistir saia da mesma forma que entrou. Recusa-se, nesta performance, uma passividade do olhar.

Há uma urgência em tornar visível o drama social que é o não lugar a que muitas mulheres estão ainda voltadas, na indiferença colectiva aos assassinatos diariamente praticados, como se de um assunto banal se tratasse. Os criadores catalães defendem que a vida deveria explodir na nossa cara com mais frequência; e é precisamente uma explosão de sensações e emoções a que o público não ficará indiferente.

A peça estabelece um diálogo com o espectador, no qual a presença de todas as mulheres assassinadas dizem "presente". Na plateia estarão todos aqueles que conseguiram adquirir o seu bilhete – e todas as que não o puderam fazer. | **Pedro Barros**



Ri-te, ri-te que logo choras: em cena na Academia Almadense de 14 a 17 às 20h30, e dia 18 às 16h

© Quim Tarrida

Dupla nomeação para "Se isto é um homem"

O espectáculo *Se isto é um homem*, que a CTA estreou no 36.º Festival de Almada a propósito do centenário do nascimento de Primo Levi, está nomeado para a 25.ª edição dos Globos de Ouro nas categorias de Melhor Espectáculo e Melhor Actor. Estreada em Julho do ano passado, a peça já realizou uma segunda carreira na Sala Experimental do TMJB, tendo estado em digressão desde o início de 2020 e sido apresentada em Lisboa, Alverca, Viana do Castelo,

Santo André, Faro, Coimbra, Beja e Covilhã, para um total de 2.841 espectadores. Entre os próximos dias 8 e 10 de Outubro estará em cena no Teatro Mirita Casimiro, Cascais. Aquando da estreia, *Se isto é um homem* chamou a atenção da crítica: "um trabalho fino e esmerado de Rogério de Carvalho, e um actor extraordinário" (*Jornal de Letras*); "uma interpretação impecável" (*Proscenium*, Espanha), "um actor contido e ardente" (*I/O*, França).



O actor Cláudio da Silva foi dirigido pela primeira vez por Rogério de Carvalho

© Rui Carlos Mateus

Chico Diaz na Esplanada

O actor brasileiro Chico Diaz, intérprete de *A lua vem da Ásia*, vai estar amanhã, às 18h, na Esplanada da Escola D. António da Costa, para conversar com o público. Chico Diaz, que acompanha habitualmente o Festival de Almada enquanto espectador, protagonizou recentemente *O ano da morte de Ricardo Reis*, filme de João Botelho a partir do romance de Saramago. A moderar a conversa vai estar a crítica de teatro Helena Simões.

Tomar posição



© Marie Bacelar

Maria Dulce Lázaro, 16 anos de plateia

Na minha cidade o Teatro é azul. Apenas por fora, porque na verdade o teatro é de todas as cores. Tem as cores da Vida, e é também Partilha, Esperança e Luta. Em cada ida ao teatro, saímos de nós, emocionamo-nos – rimos ou choramos –, e cada actor dá-nos o privilégio de o poder fazer.

50 anos da CTA é também uma vida! Lembro-me dos outros espaços em que a Companhia funcionava, e a que fui algumas vezes. Neste nosso “Teatro Azul”, como muitos lhe chamam, já foram inúmeras as peças a que assisti. Julho traz-nos o Festival, e é um momento alto do meu ano. Neste momento, cada ida

ao teatro é uma tomada de posição. É lutar por um direito – o direito à cultura. O Teatro Joaquim Benite e todos os que dele fazem parte são um exemplo de perseverança ao não deixar o teatro parar.

Nestes 50 anos da CTA estão de parabéns todos os que aí trabalham, desde os técnicos aos actores, do mais discreto assistente de sala ao director – todos num esforço único para que cada espectáculo não tenha falhas. E nós, espectadores – aqueles que insistem em ir ao teatro –, estaremos sempre com a respiração suspensa no momento do abrir da cortina, e no final, quando as emoções se desembrulham em fortes aplausos.

O limite do medo é o amor

O colóquio de ontem teve como tema o espectáculo *Duas personagens*, encenado e protagonizado pelas criadoras Carla Galvão e Sara de Castro, que coloca em questão os limites do teatro e as suas consequências inerentes, sejam elas imediatas ou não. Durante a conversa, moderada por Francisco Luís Parreira, foram exploradas as múltiplas facetas sobre as quais o Teatro versa. De acordo com Sara de Castro, a “bril-



© Luana Santos

lhante metáfora” de Tennessee Williams propulsionou a urgente escolha do texto e sua consequente representação, que explora a ideia da perda das nossas âncoras – verdades que factualmente acontecem ao longo de nossa existência. A adaptação do texto aconteceu de forma a retirar as marcas geográficas que o autor construiu, com o intuito de explorar a universalidade das palavras e dissecar as muitas verdades com as quais nos depara-

mos ao longo da vida.

Numa resignificação do ponto de fuga do texto, as criadoras revelaram que era importante manter a ambiguidade da montagem, sem limitar as interpretações do público, com amor.

Amor à vida, ao diálogo e às possibilidades, contornos estes que circundaram o colóquio de ontem, que limitou o medo das palavras e acentuou uma vez mais o amor ao Teatro. | **Maria Eduarda Wendhausen**

Le Theatre de Wittgenstein

Como qualquer criador que não se separa nunca da sua obra, este encontro é para Josef Nadj um espaço de reflexão sobre o ponto em que se situa na sua vida, sobre o seu próximo espectáculo. Wittgenstein é o centro. Alguém com uma vida tão inspiradora quanto a obra. Alguém que passou a vida a corrigir o seu próprio sistema, da matemática para a linguagem, sem nunca perder a recorrência à poesia. Talvez estejamos todos em busca da questão

mais bela de sempre. Neste quarto dia de encontro, este parece ser cada vez mais o ponto fulcral de todo o processo artístico que aqui discutimos. Wittgenstein viveu um problema, o seu problema, até ao instante da sua morte, ele foi corrigindo, foi-se corrigindo, como uma lição de humildade em relação ao seu próprio conhecimento. Nada é verdade absoluta, talvez. Nem mesmo o tempo. Quando Wittgenstein nos seus últimos escritos se pergunta: será que eu posso ter a

certeza de que esta mão me pertence? Ele rasga um gesto no caos e cria uma poesia absoluta, num momento criativo. O momento criativo. O momento pré-criativo. O momento criativo latente. Há esta imagem do poema de Trakl, do homem que bate com a cabeça contra a porta que se encontra junto à água primordial. Talvez fazer teatro seja esse momento insistente e obsessivo que nos leva ou não a conseguir atravessar a porta. Mas atravessar a porta deixará as suas marcas. Se a nossa questão é o tempo, será que a nossa questão nos leva a ter também uma cons-

ciência desse mesmo tempo? E esse tempo absoluto, no caso dos actores, não é também um tempo de intimidade, um tempo de latência, uma pré-criação? E porque razão será o tempo dos espectáculos uma coisa tão codificada ou instituída? Josef Nadj constrói connosco um caminho filosófico e poético, sempre em busca de um deslumbramento constante. Hoje foi o penúltimo dia. Levaremos estes encontros marcados como uma memória física de beleza e de partilha. E se estamos a falar da memória, estamos a falar do que somos. | **Pedro Fiuzza**

AGENDA DE AMANHÃ

- 18:00
Conversa com Chico Diaz
Esplanada do Festival
- 20:30
Um gajo nunca mais é a mesma coisa
Sala Experimental do TMJB
- 20:30
Fake
Fórum Romeu Correia
- 20:30
Rebota rebota y en tu cara explota
Academia Almadense
- 20:30
A Lua vem da Ásia
Incrível Almadense

RESTAURANTE DO TEATRO

HOJE

Ervilhas com ovos escalfados
Bacalhau com broa e alheira

AMANHÃ

Roti de porco
Caril de salmão

Teatro Municipal Joaquim Benite
Av. Prof. Egas Moniz • Almada